



O LADRÃO DE RAIOS, Rick Riordan

Primeiro livro da série *Percy Jackson e os Olimpianos* traz a mitologia grega para os dias atuais

Percy Jackson é um garoto-problema de 12 anos que nunca conheceu o pai e vive com a mãe e o padrasto chato em Nova York. Tachado de disléxico e hiperativo, nos últimos seis anos foi expulso de seis escolas. Apesar de estar acostumado a esquisitices em sua vida, quando, na última escola, a professora de matemática se transforma em um monstro mitológico e tenta matá-lo, Percy começa a desconfiar de que não é um menino normal...

Eis o narrador de *O ladrão de raios*, primeiro volume da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, best-seller norte-americano, primeiro título infanto-juvenil lançado pela Intrínseca. Criada por um professor do segundo ciclo do ensino fundamental, Rick Riordan, a saga fantástica de um garoto que descobre ser filho de Poseidon, o deus do mar, foi eleita "Livro Notável de 2005 do *The New York Times*" e "Melhor Livro do Ano da *School Library Journal*" e figurou entre os primeiros lugares da lista de mais vendidos do *New York Times*.

Percy Jackson e os Olimpianos conjuga lendas da mitologia grega com aventuras em pleno século XXI. Nas histórias, os deuses do Olimpo continuam vivos, ainda se apaixonam por mortais e geram filhos metade deuses, metade humanos, como os heróis da Grécia antiga. Marcados pelo destino, eles dificilmente passam da adolescência. Percy – Perseu – Jackson é um dos poucos que conseguem descobrir sua identidade.

A inspiração para a trama surgiu quando o autor, a pedido de seu filho de 9 anos, criou uma história sobre deuses e heróis gregos passada nos dias atuais. Rick Riordan, que lecionou inglês e história por quinze anos, imaginou um personagem semideus ainda garoto e uma aventura em que ele precisaria, para se tornar herói, recuperar um artefato roubado do Monte Olimpo.

Em *O ladrão de raios*, com a ajuda de novos amigos um sátiro e a filha de Atena, Percy tem dez dias para reaver o raio-mestre de Zeus, o instrumento que representa a destruição original, e restabelecer a paz no Olimpo. Para isso, precisará encarar o pai que o abandonou, resolver um enigma proposto pelo Oráculo e desvendar uma traição mais ameaçadora que a fúria dos deuses.

A razão para o sucesso da série, além do domínio do assunto mitologia grega, está justamente no fato de Rick Riordan, a partir de sua experiência em sala de aula, conhecer tão bem o que agrada essa audiência infanto-juvenil. Tanto que nos sites da série, além de jogos e vídeos, há também sugestões de atividades variadas para professores em sala de aula como grupos de leitura.

O romance se apresenta como uma oportunidade de enriquecimento cultural para estudantes ao trazer a Mitologia Grega para os dias de hoje, sem perder a referência clássica, através aventuras contadas em primeira pessoa. Temas como dificuldade de aprendizado e valores como a amizade e a lealdade também são apontados pelo autor como possibilidades a serem exploradas em discussões com alunos.

RICK RIORDAN nasceu em 1964 em San Antonio, Texas, Estados Unidos, onde mora com a mulher e dois filhos. Durante quinze anos ensinou inglês e história em escolas públicas e particulares de São Francisco. Além da série *Percy Jackson e os olimpianos*, publicou a premiada série de mistério para adultos *Tres Navarre*.

PREMIAÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Livro Notável de 2005 do *The New York Times*

Best-seller Juvenil da *Publishers Weekly*

Melhor Livro do Ano da *School Library Journal*

Melhor Livro do Ano da revista *Child*

Livro Notável da American Library Association

Melhor Livro Juvenil da American Library Association

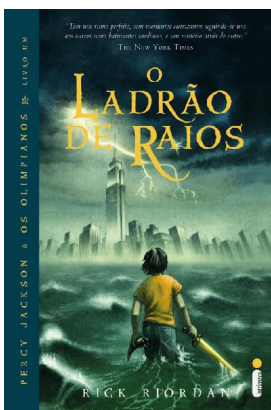
“Tem um ritmo perfeito, com momentos eletrizantes seguindo-se uns aos outros como batimentos cardíacos, e um mistério atrás do outro.”
The New York Times

“Uma fábula de heroísmo no compasso de uma missão desenfreada, questionando a realidade de nosso mundo, a família, a amizade e a lealdade.”
Kirkus Review

“Uma aventura moderna que levará os leitores a ansiar pela próxima ação do protagonista.”
School Library Journal

“Repleto de bem-humoradas alusões à mitologia grega junto com seqüências de tirar o fôlego, este livro é realmente brilhante.”
The Horn Book Magazine

O ladrão de raios, Rick Riordan



Tradução de Ricardo Gouveia

400 páginas

R\$ 29,90

Outras informações:
Editores Intrínseca
Juliana Cirne – julianacirne@intrinseca.com.br
55 21 3874-0914

Entrevista com Rick Riordan:

Você foi professor por muito tempo. Por que deixou a sala de aula?

Foi uma decisão difícil. Eu adoro dar aulas. Adoro trabalhar com crianças. Durante muitos anos, fui professor em horário integral e escrevi um livro por ano da série de mistério de *Tres Navarre*.

Quando vendi as histórias de Percy Jackson para a Miramax, percebi que teria de escrever dois livros por ano para cumprir os prazos – um livro para adultos e outro para crianças. Eu simplesmente não achei que fosse capaz de manter esse ritmo e fazer um bom trabalho em sala de aula, e assim, relutante, tomei a decisão de parar de lecionar.

Talvez um dia eu volte para a sala de aula. Não estou preparado para afirmar que isso nunca mais vai acontecer. Mas, por ora, os livros estão me mantendo muito ocupado. O lado bom é que, como autor de histórias infantis, ainda trabalho com crianças. Talvez, com Percy Jackson, eu consiga fazer com que mais crianças se interessem por ler mitologia grega do que conseguia como professor.

Seus alunos sabiam que você escrevia romances? O que eles achavam disso?

Nunca falávamos muito disso em sala de aula, mas a maior parte deles sabia que eu escrevo livros. Suponho que achassem isso legal, mas tinham muitas outras coisas em que pensar na segunda etapa do ensino fundamental. Dever de casa, pressão dos amigos, quem gosta de quem – tudo isso costuma ter prioridade em relação ao que o professor faz.

Com frequência diziam: “Uau! O senhor escreve livros? Posso ser um personagem?” E, de fato, muitas vezes uso nomes de ex-alunos em meus personagens, mas as crianças sempre se surpreendem com o tempo que leva para um nome ser impresso. Se conheço um aluno nessa segunda etapa do ensino fundamental, ele provavelmente já estará no ensino médio quando o livro chegar às livrarias.

Meu comentário favorito feito por um aluno foi quando lhes passei um trabalho de cinco páginas. Ele revirou os olhos e disse: “Sr. Riordan, não é só porque o senhor escreve livros que nós também temos de escrever.” Eu ri, mas ainda assim ele teve de fazer o trabalho.

Outra história sobre meus livros e meus alunos: Quando comecei a escrever mistérios para adultos, nunca me ocorreu que meus alunos no início da adolescência me perguntariam se podiam lê-los. Sempre respondi que não – que esperassem até ficarem mais velhos. Os livros adultos não são apropriados para os jovens leitores. Naturalmente, muitos alunos recebiam isso como um desafio e iam imediatamente para a livraria. Eu sempre sabia quando um aluno lia um de meus livros da série de *Tres Navarre*, porque ele vinha para a sala com um brilho engraçado nos olhos, como se dissesse: “Uau, Sr. Riordan, eu não sabia que o senhor era assim tão rebelde.” Fico feliz de agora ter a série de Percy Jackson para recomendar às crianças, e não me ver mais naquele dilema.

Qual foi sua inspiração para Percy Jackson?

Meu filho Haley estava estudando os mitos gregos na segunda série, quando um dia, na hora de dormir, me pediu que lhe contasse histórias sobre deuses e heróis. Eu tinha dado aulas sobre mitos gregos durante muitos anos na escola, então fiquei feliz e concordei. Quando meus mitos se esgotaram, ele ficou decepcionado e perguntou se eu podia criar algo novo com os mesmos personagens.

Pensei na idéia por alguns minutos. Então me lembrei de um projeto de redação criativa que costumava fazer com meus alunos da sexta série – eu os deixava criar seus próprios heróis semideuses, o filho ou a filha de qualquer deus que escolhessem, e lhes pedia que descrevessem uma aventura no estilo grego para aquele herói. Sem nenhuma pesquisa, criei Percy Jackson e contei a Haley toda a sua aventura para recuperar o raio de Zeus nos Estados Unidos de hoje. Levei cerca de três noites para contar toda a história, e, quando cheguei ao fim, Haley me disse que eu devia escrevê-la como um livro.

Eu já tinha muito o que fazer, mas de alguma forma encontrei tempo para escrever o primeiro livro de Percy Jackson ao longo do ano seguinte. E adorei escrevê-lo. A história era tão divertida, e tão diferente de minha ficção adulta, que me peguei dedicando muito tempo a ela. Agora com certeza fico muito feliz de ter feito isso.

Você contou a história de Percy Jackson a algum de seus alunos antes de publicá-la?

Sim. Meu filho de 9 anos foi o primeiro a ouvir a história, e eu também li o manuscrito para ele em primeiro lugar. Quando ele disse que estava ótimo, eu queria ter certeza de que o livro interessaria crianças mais velhas – meus alunos adolescentes. Escolhi alguns alunos da sexta, da sétima e da oitava séries e lhes perguntei se estavam dispostos a fazer um “test-drive” do livro. Fiquei muito ansioso! Estou acostumado a mostrar meu trabalho para adultos, mas não sabia se as crianças gostariam de Percy. Finalmente compreendi o que era para eles me entregar um trabalho e esperar pela nota!

Felizmente, as crianças gostaram. E fizeram algumas sugestões excelentes. Eles me ajudaram a escolher o melhor título para o livro. Também tiveram ótimas idéias sobre como Percy devia agir se tinha TDAHI (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade). Um aluno me ajudou a refinar a maneira como Anaklusmos, a espada de Percy, funcionava.

Fico contente de ter mostrado o romance primeiro para as crianças. Afinal, foi para elas que ele foi escrito.

Você sempre soube que queria ser escritor? Como começou?

Escrevi muitos contos quando era jovem, e até cheguei a enviar alguns para editoras (só para serem recusados). Minha primeira recusa veio da revista de ficção científica de Isaac Asimov, em 1978. Minha mãe a guardou durante anos, e a trouxe à tona depois que publiquei meu primeiro livro.

Não escrevi com seriedade quando estava na faculdade. Concentrava a maior parte de minha energia criativa na música, e fui vocalista de uma banda de folk rock, acredita?

Depois da faculdade, tornei-me professor, e fiquei bastante feliz com a idéia de fazer isso pelo resto da vida. No entanto, eu lia muitos livros de mistério nas horas de folga, e, quando minha mulher e eu mudamos para São Francisco, comecei a sentir saudades do Texas.

Resolvi, de farra, que tentaria escrever uma história de detetives passada em minha cidade natal: San Antonio. Dez meses depois, *Big Red Tequila* chegava ao fim.

O estranho é que eu tinha a sensação de que *Big Red Tequila* seria publicado. Era simplesmente muito diferente de tudo que eu já havia escrito, porque o romance praticamente me obrigou a escrevê-lo. A idéia me agarrou pelo pescoço e só me largou quando estava pronta.

Eu digo a quem quer ser escritor que encontre o que PRECISA escrever. Quando achar o tema, vai saber, pois ele não vai soltá-lo. Não basta escrever simplesmente porque você acha que seria legal ser publicado. Você precisa se sentir compelido a escrever. Se não se sentir, nada do que fizer terá importância.

Para mim, isso queria dizer sair de casa por algum tempo e aprender e apreciar o que eu sabia, antes que pudesse seguir o velho axioma: "Escreva sobre o que conhece."

Com Percy Jackson, eu tinha a mesma sensação que tive com *Big Red Tequila*. Percy era um personagem que simplesmente insistia em saltar para a vida.

Algum conselho para os jovens que querem ser escritores?

Comecei a levar a sério o que eu escrevia na oitava série. Tive uma professora de inglês que me estimulava a mandar meus trabalhos para editoras.

Tornei-me professor do ensino fundamental em grande parte em razão do impacto que a sra. Pabst exerceu sobre mim há 23 anos, e eu adoro quando tenho a oportunidade de estimular as crianças a escrever da maneira como fui incentivado. Essa é uma das razões por que não estava ansioso em deixar a sala de aula para seguir a profissão de escritor.

A primeira coisa de que um jovem escritor precisa é de um mentor que acredite em seu talento. Portanto, não tenha medo de pedir ajuda! Procure um professor que você respeite. Corresponda-se com escritores. Você vai ver que um e-mail educado quase sempre recebe uma resposta.

Em segundo lugar, leia muito! Leia tudo que cair em suas mãos. Você vai aprender o ofício de escrever mergulhando nas vozes, nos estilos e nas estruturas de escritores que vieram antes de você.

Em terceiro lugar, escreva todos os dias! Faça um diário. Anote histórias interessantes que você ouve. Escreva a descrição de pessoas que encontra. Na verdade, não importa o que você escreve, o que você precisa é praticar. Escrever é como praticar um esporte – você só melhora com a prática. Se não forem exercitados, os músculos da literatura se atrofiam.

Por fim, não desanime! A rejeição faz parte do processo, e dói. O truque é não desistir. Cubra as paredes do seu quarto com mensagens recusando seu trabalho, se quiser, mas não desista.

Por que decidiu que Percy Jackson teria TDAH e dislexia?

Enquanto escrevia a história de Percy Jackson, meu filho estava passando por testes de diferenças de aprendizado. Ele enfrentava problemas para ler e para se concentrar na sala de aula. Os professores cogitavam TDAH e dislexia. Ele se sentia frustrado no aprendizado da leitura e tivemos de lhe explicar que os testes eram para ajudar os professores a ajudá-lo, e não para fazê-lo sentir-se mal.

Como professor, trabalhei com muitas crianças com dificuldade de aprendizado. Particpei de avaliações e fiz modificações em minhas aulas. Mas é diferente quando é seu próprio filho que passa por isso. No fim, meu filho foi inscrito no programa de Scottish Rite, que cuida de crianças

com dificuldades de leitura como a dislexia. Ele agora está muito melhor, mas não foi um processo fácil.

Nessa época, li muito sobre dislexia e TDAH. Gostei principalmente dos livros *Getting a Head in School* e *Driven to Distraction*. Para mim foi uma surpresa aprender que a TDAH e a dislexia freqüentemente se manifestam juntas. Os livros também confirmaram algo que eu já sabia: que as crianças disléxicas e portadoras de TDAH são criativas e têm idéias extraordinárias. Elas precisam ser assim, porque não vêem ou resolvem problemas da mesma forma que as outras crianças. Na escola, infelizmente, às vezes são rotuladas de preguiçosas, desmotivadas, obtusas ou até parvas. Não é verdade. Quando conseguem atravessar os difíceis anos escolares, com freqüência se tornam adultos muito bem-sucedidos. Os empregadores os amam, pois estão sempre surgindo com idéias novas e originais. Fazer Percy disléxico e portador de TDAH foi minha maneira de homenagear o potencial de todas essas crianças que conheci com essas condições. Não é ruim ser diferente. Às vezes, essa é a marca de alguém muito, muito talentoso. É isso que Percy descobre sobre si mesmo em *O ladrão de raios*.

Muitas pessoas estão comparando sua série com *Harry Potter*. Existem semelhanças?

Como acontece com qualquer nova fantasia escrita para crianças, as comparações com *Harry Potter* são inevitáveis. J. K. Rowling estabeleceu o padrão para livros associados a crianças (e até a adultos).

Quanto a semelhanças entre Percy e Harry, eu teria algumas observações:

Primeiro, Percy e Harry são crianças muito diferentes, que vivem em mundos muito diferentes. A mitologia grega é cheia de magia e mistério, sim, mas tem um sabor único que é totalmente diferente do de Hogwarts. Percy e Harry vêm de *backgrounds* diferentes. Eles não têm as mesmas questões com os pais. Percy é um pouco mais trapalhão do que Harry, creio eu. Está acostumado a ser rotulado de garoto-problema e foi expulso de várias escolas (embora nunca por sua culpa exclusiva). A tendência de Harry é conter os amigos quando eles se envolvem numa briga. Percy tende a dar um murro no nariz dos valentões. Eles têm algumas coisas em comum, sim – ambos têm imensos poderes e responsabilidades que lhes são impostos antes que estejam prontos. Ambos são corajosos. Ambos têm de enfrentar seus piores medos e contar com um pequeno grupo de amigos leais. Mas suas histórias são bastante diferentes. Creio que os leitores verão isso quando lerem *O ladrão de raios*.